



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS**

**UM ESTUDO DE GÊNERO A PARTIR DA PSICANÁLISE**

**REYNALDO DE AZEVEDO GOSMÃO**

**MAGALI MILENE SILVA**

**LAVRAS - MG**

**2018**

**REYNALDO DE AZEVEDO GOSMÃO**

**UM ESTUDO DE GÊNERO A PARTIR DA PSICANÁLISE**

Monografia apresentada a banca examinadora de Trabalho de Conclusão de Curso- TCC do curso de Psicologia do Centro Universitário de Lavras como parte das exigências do curso de graduação em Psicologia.

**ORIENTADORA**

Profa. Dra. Magali Milene Silva

**LAVRAS**

**2018**

## Centro Universitário de Lavras - UNILAVRAS

Monografia intitulada “**UM ESTUDO DE GÊNERO A PARTIR DA PSICANÁLISE**”, de autoria do graduando Reynaldo de Azevedo Gosmão, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Profa. Dra. Magali Milene Silva - UNILAVRAS (orientadora)

---

Profa. Ms. Paula de Deus Vieira (Integrante da banca)

---

Profa. Ms. Kênia Izabel David Silva de Resende (presidente da banca)

Aprovada em 13 de novembro de 2018.

## DEDICATÓRIA

A Deus e todos os seres que me iluminam com esperança, força, sorriso, ânimo e paz.

A minha mãe, pessoa fundamental nas minhas vivências de “transver” o mundo, obrigado pela força e inspiração. Desde minha infância sempre me incentivou e motivou a estudar, a seguir o caminho dos estudos, me fez sonhar em estar no ensino superior e por contingências da vida não me viu concluir esta etapa. Dedico in memoriam dela!

As amizades de infância e de vida que são oásis, calma, lealdade, sinceridade nas pessoas de Gabriella Vilela, Isabella Ribeiro, Daniel Ribeiro, Silmara Santos, Fátima Ribeiro.

A professora, amiga e mulher de força Neide Almeida que sempre me inspirou e demonstrou que através da educação, da fé e serenidade é possível avançar, sua amizade foi fundamental!

As amizades que realizei durante a faculdade, Angélica, Ariane, Leilane, Eliane, Thais. Também aos (des)encontros, as festas e aos amores que me afetaram.

Agradecimentos especiais as minhas irmãs Nathalia, Thamires, Thalita, Wanessa, aos meus sobrinhos Daniel, Maykon, Gabriel, Gabrieli, Fernando, Anna Laura e Anna Wania e meus cunhados. Vocês em suas possibilidades estão sempre me apoiando e nos momentos péssimos tem o jeito certo pra me animar, peço desculpas pelos momentos onde não consegui oferecer o meu melhor como irmão, como tio e como pessoa, apesar das minhas infinitas limitações eu amo vocês. As minhas tias que foram fundamentais na minha infância principalmente a tia Dirce e tio Toninho.

Agradecimentos à orientadora deste projeto Magali Milene, aos professores Ismael, Paula, Rodrigo, Cleonice e Michelli Godoi pelo ânimo, carinho e amizade.

**Reynaldo de Azevedo**

## **AGRADECIMENTO**

A partilha de estudos, histórias, momentos e encontros com cada professor e professora me proporcionou alçar voos que findou nesta etapa! Como uma brincadeira de roda, ciclos foram inevitáveis, lutas, risos, medos, e não só a produção deste material foi importante para a efetivação da minha graduação, mas cada aprendizado vivido nos últimos cinco anos, entretanto agradeço a orientação da Professora Magali Milene através deste trabalho foram possíveis novas elaborações, conhecimentos e uma produção ética e próxima do campo psicanalítico. Meu obrigado a todos que fomentaram minhas experiências na psicologia, apoiaram e, respeitaram minhas críticas, sigo com a certeza de que posso ir mais além, e que o caminho que me espera é longo e iluminado. Obrigado a Deus, professores e professoras, família, amigos e a vida.

Onde começo, onde acabo,  
se o que está fora está dentro  
como num círculo cuja  
periferia é o centro?

**Ferreira Gullar**

## RESUMO

AZEVEDO R. G. **UM ESTUDO DE GÊNERO A PARTIR DA PSICANÁLISE**. 2018. Monografia (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de Lavras, Lavras, 2018.

A concepção de identidade e gênero, em geral, sofre definições que impregnam e fundamentam o corpo na instância orgânica, biológica e genética. No entanto, com a psicanálise, a sexualidade pode assumir caminhos diversos subvertendo a compreensão do sexual, modificando o efeito das sexualidades perversas do campo da psiquiatria. A pesquisa teve como objetivo investigar como a psicanálise está (re)pensando as questões de gênero na atualidade, e com a revisão de literatura é possível avaliar qual é a proximidade da teoria psicanalítica com as problemáticas contemporâneas. A pesquisa demonstrou que houve uma expansão de publicações na temática de gênero e psicanálise, mas também, como resultado foi evidenciado o pouco o número de publicações que condensam os estudos teóricos com pesquisas de campo, a ampliação poderia enriquecer as narrativas contemporâneas no campo psicanalítico. Foi possível um retorno as obras psicanalíticas e a artigos científicos e concluiu-se que é necessário aproximar os diálogos sociais e contemporâneos nas pesquisas psicanalíticas, possibilitando à ampliação dos discursos acadêmicos e teóricos em gênero e psicanálise. Durante a revisão de literatura, houve a leitura integral dos artigos selecionados, foram excluídos os que não diziam respeito ao propósito deste estudo, não trabalhavam conceitos psicanalíticos e de gênero. Ao final do levantamento, manteve-se 48 artigos. Como conclusão alguns avanços foram feitos, inclusive uma sistematização de quais teoria abarcam a temática de gênero, também os pontos de tensões entre a psicanálise freudiana e outros autores ao publicar sobre psicanálise, através do retorno a conceitos freudianos de bissexualidade, narcisismo, identificação, angústia, Édipo entre outros.

**Palavras-chave:** Gênero; Identidade; Psicanálise.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	8
2 METODOLOGIA .....	11
3 REVISÃO DE LITERATURA E RESULTADOS .....	11
3.1 Reflexões Iniciais.....	13
3.2 Discussão sobre Gênero.....	14
3.3 Análise e Caracterização das Publicações de Gênero e Psicanálise nos Últimos 10 Anos- Autores, Referências e Conceitos: .....	15
4.0 APROFUNDAMENTO TEÓRICO .....	19
4.1 Complexo de Édipo .....	19
4.2 Angústias, castração e diferença sexual .....	20
4.3 Identificação e narcisismo .....	23
4.4 Bissexualidade e gênero .....	25
4.5 A psicanálise contemporânea.....	27
5 CONSIDERAÇÕES GERAIS E TEÓRICAS .....	29
6 CONCLUSÕES.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	33

## 1 INTRODUÇÃO

Antes mesmo da minha inserção no ensino superior, algumas temáticas me provocavam, sensibilizavam e sobretudo me afetavam, a partir das minhas vivências em movimentos sociais e em pesquisas de iniciação científica, pude explorar conceitos de gênero e sexualidades, sobretudo na perspectiva de que não existe um caminho ou uma lógica para estas temáticas, mas na realidade existem diversos, vários, inúmeros, tantos outros construídos e validados através das vivências singulares.

A partir de então, na pesquisa de iniciação científica realizada nos últimos anos da graduação, pude perguntar o que pesquisas, artigos e literaturas identificariam no que tange a concepção de “ser” homem e “ser” mulher. A miséria e fragilidade sobre este questionamento demonstra um passado que infelizmente estamos próximos de repetir por questões de projeto de nação, em que, gênero e expressões sexuais ainda vêm de respostas moralistas, machistas, sexistas e misóginas. Temos um passado que censurava e reforçava vivências como condutas desviantes, o sujeito que “optava” em vivenciar seus desejos sexuais “fora” de uma matriz heteronormativa era considerado anormal e com condutas patológicas.

Talvez o motivo de retomada das forças repressoras vem de uma história que ainda não nos libertamos. A psicologia desfruta do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, documento oficial da Associação Psiquiátrica Norte-Americana (APA), que “cria” parâmetros patológicos universais para diagnóstico dos transtornos mentais. Até a 4ª versão do DSM de 2002, o gênero foi considerado como categoria diagnóstica, Transtorno de Identidade de Gênero- TIG. No DSM-V, publicado na versão português em 2013, existe uma mudança de termo ao tratar deste assunto: Disforia de Gênero, porém ainda com efeito patológico, reforçando que as incongruências acentuadas entre o gênero designado no nascimento e o gênero experimentado/expresso são patológicas. No entanto qual sexualidade, orientação sexual e de gênero que está isenta de incongruências? O homem, cisgênero, heterossexual, branco?

Os critérios que se destacam no DSM- V 2013, são dois: o critério A, que especifica a natureza da excitação parafílica, um exemplo é o fetichismo- uso de peças íntimas convencionadas para mulheres; critério B, que se refere às

consequências negativas, como o risco ou danos ao outro, sofrimento psicológico, prejuízo em outras áreas da vida. Para que haja o transtorno parafílico é necessário que o indivíduo preencha ambos os critérios, caso apenas um dos critérios ocorram, o manual considera como comportamento sexual atípico, ou parafilia. Os sinais e sintomas que servem como critérios são: forte desejo de se livrar de suas características sexuais primárias e/ou secundárias; forte desejo para as características sexuais primárias e/ou secundárias que correspondem com seu gênero sentido; forte desejo de ser do gênero oposto (ou algum outro gênero); forte desejo de ser tratado como do sexo oposto; forte convicção de que eles têm os sentimentos típicos e reações do sexo oposto, para que o diagnóstico seja realizado em adolescentes e jovens devem conter mais que um desses critérios.

Como questão central a pesquisa buscou analisar como o gênero está sendo pensado nas publicações psicanalíticas contemporâneas. Objetiva-se, através da revisão de literatura, analisar como as elaborações psicanalíticas estão reagindo frente às elaborações culturais sobre o gênero, quais as referências e conceitos usados.

Para realização desta pesquisa, executamos uma análise a partir de publicações de artigos nos últimos 10 anos, que servem como análise e compreensão da trajetória de gênero dentro da perspectiva psicanalítica. Busca-se assim, discutir as convergências e divergências considerando a problemática do gênero para esses pesquisadores, a fim de caracterizar o estado da arte nesse momento. Primeiramente discutimos a referência teórica básica, num segundo momento buscamos identificar as ferramentas conceituais utilizadas para trabalhar o gênero.

Buscando problematizar esses questionamentos o trabalho de conclusão de curso se estruturará em eixos de modo a facilitar a discussão das temáticas tratadas no contexto da pesquisa, que foi o fechamento de uma Iniciação Científica. Iniciarei a discussão através dos resultados da revisão de literatura que são primeiras aproximações da problemática da pesquisa. No segundo momento busquei trazer uma compreensão a respeito da teoria psicanalítica e as questões de gênero, através dos conceitos complexo de Édipo; angústia; castração; diferença sexual; identificação; narcisismo, bissexualidade e a posição ativo e passivo.

Por fim, a justificativa deste trabalho resume-se na questão problemática do que é dito como gênero e suas (re) categorizações que circula na academia. A

apresentação desses conceitos implica reavaliar quais são as narrativas discutidas no meio acadêmico, envoltas na perspectiva psicanalítica sobre gênero, porque através destes dados é possível avaliar qual é a proximidade da teoria psicanalítica com as problemáticas contemporâneas.

O trabalho perpassou em estudos sobre conceitos freudianos como complexo de Édipo, angústia, castração, diferença sexual, identificação, narcisismo, bissexualidade e gênero.

## 2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de “revisão de literatura, que resultará do processo de levantamento e análise do que já foi publicado sobre o tema e o problema de pesquisa escolhidos. Permitirá um mapeamento de quem já escreveu e o que já foi escrito sobre o tema e/ou problema da pesquisa” (SILVA; MENEZES, 2001, p. 37).

Ao pesquisar identidade de gênero através de estudos qualitativos, é possível "incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas" (MINAYO, 2004, p.9).

Para o intento da pesquisa proposta, a fase de revisão de literatura e busca dos artigos se fundamentou-se na análise dos artigos encontrados nos últimos 10 anos, em português. Os indexadores usados como base foram Lilacs, IndexPsi, e Google Acadêmico, com as palavras-chave: Gênero e Psicanálise, Identificação e Psicanálise, Bissexualidade e Psicanálise, Gênero e Freud, Identificação e Freud, Bissexualidade e Freud. Os artigos foram inicialmente selecionados a partir do resumo e posteriormente o pesquisador realizou uma leitura integral dos artigos, interpretando os textos.

Foram excluídos os artigos que estavam fora da data de publicação, que não se tratavam diretamente da temática estudada e que não se referiram à psicanálise de orientação freudiana. Sendo excluídos os artigos fora da data de publicação, que não se tratarem diretamente da temática estudada e que não se referirem à estudos em psicanálise.

Os artigos encontrados nas buscas dos indexadores foram organizados e analisados, extensamente. Foram feitas tabelas organizando os dados, o pesquisador realizou um banco de dados com: título dos artigos, autores, ano de publicação e tipo da teoria utilizada. Na fase de revisão de literatura e busca dos artigos sistematizados, foi conduzida a análise.

As vantagens da pesquisa documental do tipo bibliográfica são relacionadas à questão de que os documentos são fontes de pesquisa estável e rica, assim como uma fonte natural de informação, uma vez que nascem em um contexto e o

retratam. Além dessas características esse tipo de pesquisa tem baixo custo, pois exige basicamente a disponibilidade de tempo do pesquisador (WITTER, 1990).

Somando-se as bases de dados por palavras-chave, foram encontrados os respectivos números: Gênero e Psicanálise no Google Acadêmico foram encontrados 300, no Lilacs 189, INDEXPSI 106, após análise e o uso dos critérios de exclusão e inclusão mantiveram-se 18 artigos, 10 encontrados no Google Acadêmico, 7 encontrados no Lilacs e 1 no Indexpsi; na busca das palavras-chave: Gênero e Freud no Google Acadêmico foram encontrados 450, Lilacs 42 e no Indexpsi 20, que após análise e o uso dos critérios de exclusão e inclusão mantiveram-se 6 artigos, 5 encontrados no Indexpsi e 1 do Google Acadêmico; na busca das palavras-chave: Bissexualidade e Freud no Google Acadêmico foram encontrados 760, no Lilacs 13 e no Indexpsi 12, após análise e o uso dos critérios de exclusão e inclusão mantiveram-se 3 artigos, 2 encontrados no Indexpsi e 1 do Google Acadêmico; na busca das palavras-chave: Bissexualidade e Psicanálise foram encontrados no Google Acadêmico 110, no Indexpsi 25, no Lilacs 16, após a análise e o uso dos critérios de exclusão e inclusão mantiveram-se 7 artigos todos encontrados no Indexpsi; na busca das palavras-chave: Identificação e Freud foram encontrados no Google Acadêmico 700, no Lilacs 114 e no Indexpsi 156, após análise e o uso dos critérios de exclusão e inclusão mantiveram-se 6 artigos, 5 encontrados no Indexpsi e 1 no Google Acadêmico; na busca das palavras-chave: Identificação e Psicanálise foram encontrados no Google Acadêmico 13.500, no Lilacs 259 e no Indexpsi 394, após análise e o uso dos critérios de exclusão e inclusão mantiveram-se 8 artigos todos encontrados no Indexpsi.

Após a leitura dos títulos dos artigos e seus resumos notou-se que alguns deles se repetiram nas diferentes bases e outros não preenchiam os critérios deste estudo, sendo produções em outras línguas, resumos e entrevistas, trabalhos para anais de eventos e congressos e outros trabalhos que se referiam a monografias e dissertações.

Foram selecionados no primeiro momento da pesquisa 62 artigos, após a leitura na íntegra dos artigos foram excluídos os que não diziam respeito ao propósito deste estudo, não trabalhavam conceitos psicanalíticos e de gênero. Ao final do levantamento, manteve-se 48 artigos.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA E RESULTADOS

Como resultado a pesquisa demonstrou que são existentes publicações em psicanálise sobre gênero, discutidas a partir das teorias apresentadas, autores de referência e conceitos ou noções teóricas em que se basearam a discussão psicanalítica sobre gênero no Brasil nos últimos 10 anos.

#### 3.1 Reflexões Iniciais:

A inclinação para a psicanálise deriva dos rompimentos que Freud produz em suas teorias, ampliando os aspectos da sexualidade para além da genitalidade, e no hiato que é existente na teoria psicanalítica freudiana entre a vida sexual e relação sexual, fatores significativos para problematizar a compreensão de gênero. A importância da psicanálise nas reflexões sobre gênero parte de que as teorias freudianas colaboram na compreensão da sexualidade como ferramentas das manifestações individuais, “a psicanálise pode transitar por diversos caminhos, os quais, por um lado, permitiram uma subversão na compreensão do sexual, deslocando as sexualidades ditas perversas do campo da psiquiatria e, por outro, estabeleceram uma nova forma de normatização” (ARAN, 2001; BIRMAN, 1999; PEIXOTO JR., 2004; NERI, 2005, TORT, 2005).

A teoria freudiana passa por diversos momentos, inicialmente é perceptível marcas do binarismo, porque Freud se colocava na posição de efetivar a psicanálise e suas teorias, e as tipificações se tornavam necessárias, mas, no decorrer da maturação das teorias freudianas novos posicionamentos e reflexões surgiram, e um dos conceitos fundamentais na compreensão constitutiva dos indivíduos e a sexualidade humana é a bissexualidade. “Freud admite assim que sem o pressuposto da bissexualidade psíquica como constitutiva da sexualidade humana torna-se incongruente explicar fenômenos tais como as perversões sexuais e mais amplamente as manifestações da sexualidade na infância” (VIEIRA, 2009, p. 587).

O conceito de bissexualidade a partir das transformações conceituais na obra freudiana demonstra que esta esfera não tende se preocupar com “entrada” ou “saída” no masculino ou feminino, ou, divergências e convergências que o indivíduo possui dos polos sexuais. “Bissexualidade não é um conceito melhor que o da

separação dos sexos. Miniaturizar, interiorizar a máquina binária, é tão deplorável quanto exasperá-la, não é assim que se sai disso.” (DELEUZE, 2002, p. 68).

Apesar do tensionamento das identidades para pertencerem a um lado, o funcionamento psíquico da bissexualidade é justamente a ampliação das identidades em que o sujeito pode fazer recusas, transpondo as tipificações e produzindo impasses e estilos para expressão do desejo. No artigo “Bissexualidade: deve-se dizer bissexualidade ou contingência na sexuação?”, de acordo com David-Ménard (2014) “o sexo, sendo mais forte quanto à sua formação”.

Para McDougall (1997), a partir dos processos identificatórios, a criança precisa renunciar aos desejos bissexuais da infância, o que significa que ela precisa se identificar como pertencente ao sexo masculino ou feminino. A realidade psíquica produz e responsabiliza o sujeito por seus desejos e demanda uma resposta de como manejar estas fantasias subjetivas. Então, existe o sujeito criando seu enredo pessoal e particular que coadunam com sua lógica inconsciente através das "representações psíquicas transmitidas" que fazem parte do cenário da realidade psíquica do sujeito.

A identidade de gênero emerge no âmbito paradoxal uma vez que não há regras e um caminho lógico na representação do sujeito, até mesmo o dizer “sou isto” ou “aquilo” acaba funcionando como resposta ou renúncia desses funcionamentos básicos citados.

Utilizar o conceito de bissexualidade como reflexão inicial do projeto, é admitir uma posição pluralista das individualidades, uma vez que o ato de representação apresenta posições subjetivas e analisar as publicações sobre gênero e psicanálise reiteram a historicidade dos modos de gênero e os modos de sofrimento, quais as ampliações teóricas que estão sendo realizadas nos últimos anos de publicações? Os resquícios do patológico nas vivências de gênero ainda nos perseguem?

### 3.2 Discussão sobre Gênero:

Os estudos e publicações iniciais sobre as temáticas de gênero/sexo eram sublinhados inicialmente por definições das feminilidades, e, sobretudo pelas lutas coletivas dos movimentos feministas, onde espaços foram repensados e direitos foram garantidos. As feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais

seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos (SCOTT, 1995, p.2).

Então, o gênero acentua também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades. As que estavam mais preocupadas com o fato de que as produções dos estudos femininos centravam-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico. Segundo esta opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado (SCOTT, 1995 p.3).

Se o sexo podia ser entendido como a base “natural” a partir da qual o gênero se configurava, é possível avançar pouco mais além e entender que talvez o próprio sexo seja também uma instância delimitada pela cultura (RUBIN, 1993). Através das autoras pós-estruturalistas tornou-se possível avaliar sexo/gênero como a dinâmica que transforma a percepção da diferença “biológica” em produtos da cultura.

A construção do gênero é algo na esfera humana que pode ser alterada, cambiável. Gênero então é a negociação feita entre sujeito e cultura, esta concepção é muito útil pra demonstrar que a prática sexual não delimita as vivências de gênero, mas existem as configurações entre estas identidades que dialogam, uma vez que o sujeito é constituído por suas pulsões psíquicas.

Teoricamente como a psicanálise tem se situado em suas publicações científicas sobre a temática de gênero? Quais as análises e discursos têm ecoado nos debates contemporâneo sobre gênero? Trataremos no próximo subtítulo considerações a respeito destas interrogações e outros processos.

### 3.3 Análise e Caracterização das Publicações de Gênero e Psicanálise nos Últimos 10 Anos- Autores, Referências e Conceitos:

Dos 48 artigos elegíveis, foi percebido que a teoria psicanalítica de Freud e Lacan com as questões de gênero nas produções culturais foram costuradas- refletindo o lugar de gênero no Jornalismo Literário através do "pacto de leitura para o estudo dos gêneros, além de analisar a constituição das imagens em sua relação com a realidade”, utilizando produtos da literatura, dentre outros conhecimentos - Linguística, Lógica, Topologia e Arte (PENA, 2009).

Dois artigos analisados se propuseram a fazer análises teóricas junto a estudos de casos, sendo o primeiro artigo que parte das narrativas e da corporeidade de Buck Angel, através do documentário Mr. Angel, de Dan Hunt (2013), “o trabalho investiga a inscrição corporal “PerVert”, que o ativista transexual tatuou nas costas” (MENDES, 2017). O artigo retratou o paradoxo caso de Buck através da sua historicidade, a identificação que Buck tinha com seu pai, uma reflexão sobre uma possível sublimação através da pornografia e a problemática da inscrição do corpo de Buck Angel frente sua identidade, se define como um homem trans, isto é, um transexual feminino, ela era um menino, como refere-se um dos subtítulos do artigo [...] um corpo não se define pela sua substância, nem pelos seus órgãos, nem mesmo por suas funções, mas pelo seu movimento, pelo conjunto de seus afetos intensivos (ARÁN, 2006, p. 34).

O outro artigo que realiza estudo clínico e análise teórica retrata cortes em sessões de análises que tem como influência o prisma da reelaboração da bissexualidade psíquica, a autora contextualiza a bissexualidade primária “pode assim, après coup, ganhar uma releitura e reelaboração. E como estes níveis mais precoces só vão podendo ser explorados no decorrer do processo analítico, os conflitos relativos à bissexualidade secundária geralmente são os primeiros a ser abordados na análise” (HAUDENSCHILD, 2008). O artigo conclui que com “a aceitação de que se pode ter ambos os sexos psiquicamente é o que propicia a renúncia de tê-los corporalmente e leva à apreensão de que masculino e feminino se complementam reciprocamente: foram feitos, na sua incompletude”(HAUDENSCHILD, 2008).

Entre os 48 artigos encontrados na busca sistemática os autores e teorias mais utilizados nos artigos foram: Sigmund Freud, correspondendo a 75,32% no total de artigos. Nessas publicações os conceitos mais utilizados foram análises edípicas, narcísicas, identificatórias (masculino e feminino) e bissexualidade. A referencia a Jacques Lacan foi encontrada em 43,75% dos artigos, trabalhando com as teorias de sexualização, real, gozo, imaginário e fundamentos da linguagem, sendo que muitos dos artigos em que sua teoria estava presente também foram utilizados retornos a obras freudianas.

Além do uso da noção freudiana no aspecto sobre estrutura e os rompimentos teóricos, são utilizados conceitos lacanianos sobre sexualização, imaginário, gozo e objeto (COSTA; BONFIM, 2014). “O falo é aqui esclarecido em

sua função, na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isto um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade interessada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza.” (LACAN, 1958/1998, p.696).

Michel Foucault e Judith Butler correspondem à mesma porcentagem de referências em artigos, totalizando o número de 18,75% os artigos que os utilizam, abarcam os conflitos fundamentais no processo de constituição singular de identidades de gênero, a teoria queer, questões como dispositivos e as relações de poder e o efeito do normal e patológico na vivência de gênero.

Jean Laplanche corresponde a 16,66% sua teoria é utilizada para apresentação dos aspectos constitutivos, a distinção que estabelece entre a gênese da sexualidade infantil e o desenvolvimento da relação perceptivo-motora da criança, processo de implantação, ou intromissão, contato com o outro, que erogeniza esse corpo, promovendo alteração orgânica no mesmo, implantando uma sexualidade que não estaria ali a priori: “(...) mensagens antes de tudo somáticas, inseparáveis dos significantes gestuais, mímicos ou sonoros, que as transportam” (LAPLANCHE, 1993/1997, p. 14-15).

Melanie Klein, Wilfred Bion, Donald Winnicott correspondem a mesma porcentagem de 8,33%. As influências kleinianas, winnicottianas, bionianas, são apresentadas nos artigos como a influência marcante da mãe na constituição do psiquismo do analisando. Assim, muitas vezes, privilegiam a escuta a partir da posição materna, em detrimento de outras. No artigo “Masculinidade e ciúme na perspectiva da teoria de sedução generalizada” (RIBEIRO, 2012) a fundamentação freudiana correlacionada a teoria winnicottiana com proposta de apresentar o registro corporal no sentido do outro “quanto no sentido da intrusão, o que quer dizer que mesmo as manipulações mais ternas e delicadas podem adquirir a posteriori o caráter de invasão (WINNICOTT, 1988/1990).

No artigo “Transexualismo: uma visão psicanalítica” (YOSHIDA, 2011) apresentam além da teoria freudiana, a teoria kleiniana sobre as relações objetais e outras formas de inscrição do sujeito na estrutura, que fundamenta outra compreensão de gênero. Melanie Klein (1946) estudou uma forma de identificação realizada pela projeção, denominada identificação projetiva. Nesta, o eu invade o objeto e fica sendo ao mesmo tempo em parte o eu e em parte o objeto. Nesse

mecanismo, não são os aspectos do objeto que são adquiridos pelo eu (como seria na teoria freudiana), mas aspectos do eu que são projetados no objeto.

As teorias de Robert Stoller equivalem a 6,65% nos artigos analisados, retratando os aspectos históricos da compreensão de gênero. Stoller, em 1968 no livro “Sex and Gender”, introduziu a palavra gênero para diferenciar do termo sexo, que estava tão somente associada às condições biológicas, esta contribuição possibilitou outros vieses de interpretação teórica (PEDRO, 2005).

As referências de Erving Goffman equivalem a 4,16%, e nos artigos analisados as teorias de Goffman possibilitam análise sociológica do gênero nos papéis do espaço físico nas relações sociais. Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Sándor Ferenczia contituem 2,08% como Horkheimer e Adorno se referem de maneira central às relações de gênero quando lidam com o problema da subjetivação, identificação e dominação da natureza. Sándor Ferenczia é utilizado para costurar o percurso inicial do pensamento teórico-clínico psicanalítico (LESCOVAR, 2005).

Em geral, podemos considerar que as maiores partes dos artigos encontrados utilizam a teoria freudiana, mas o pesquisador pode avaliar que entre eles nenhum utilizou apenas a teoria freudiana como resposta conceitual a temática única para discutir as noções de gênero. Também, entre os artigos analisados, nenhum foi pesquisa de campo, sendo assim, os aspectos individuais têm sido compreendidos apenas pelo prisma teórico.

No Brasil, os autores com maior influência no campo pesquisado, através do número de citações e publicações se encontra o Paulo Roberto Ceccarelli, Márcia Arán, Maria Cristina Poli, Rodrigo Zanon de Melo, Christian Ingo Lenz Dunker e Patrícia Porchat. As publicações tiveram um salto nos últimos três anos, aumentando o número de publicações em 65,21%, nos últimos três anos, foram publicados 46 artigos nos anos de 2016 à 2018, contra 16 artigos publicados entre 2008 à 2017. De forma geral, podemos observar que a quantidade de artigos publicados sobre o assunto vem crescendo expressivamente.

Observamos que as pesquisas brasileiras basicamente acompanham o norte de despatologização das vivências de gênero e recorrem às teorias na tentativa de apresentar aspectos constitutivos para validar as múltiplas facetas dos indivíduos.

## 4 APROFUNDAMENTO TEÓRICO:

Visa compreender os conceitos expostos na literatura psicanalítica freudiana, percorrendo obras freudianas sobre a sexualidade e as diferenças sexuais, com apoio no texto “A psicanálise e o dispositivo da diferença sexual”, com autoria de Márcia Aran do Instituto de Medicina Social da UERJ para dar suporte aos questionamentos e conceitos.

### 4.1 Complexo de Édipo.

O Complexo de Édipo é corriqueiro na vida de alguns sujeitos, podendo ser compreendido como à circuncisão da origem da nossa identidade sexual e também dos nossos sofrimentos psíquicos na tentativa de defesa do desejo edípico e incestuoso.

Nasio (2007), em seu livro *Édipo o Complexo do qual Nenhuma Criança Escapa* (2007), nos apresenta uma concepção clara a cerca do Complexo de Édipo, pensar a partir de um drama amoroso é errôneo, não é uma disputa apenas de pais e filhos, norteados pelo amor e ódio, mas pensar na construção e/ ou concepção de corpos desejantes, corpos que participam de uma trama envolvendo infinitas formas de representação dos afetos, seja pelo beijo, toque, olhar, ninar, afetos esses que medra o desejo sexual. A crise Edipiana é onde instala-se o conflito do reconhecimento do prazer erótico e o medo. “O significado do complexo de castração só pode ser correntemente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração” (FREUD, 1923/1974, p. 182).

Segundo Nasio (2007), na historicidade do sujeito Edipiano, existe uma renúncia dos parceiros sexuais que pertencem a família, para novos e legítimos objetos de desejos. Criando em si a moral e a culpa, promovendo uma identificação do sujeito frente ao seu desejo. Com as novas demandas culturais, quando o sujeito chega na puberdade é instaurado um período marcado pela tensão e provocação de um posicionamento do sujeito, para uma possível direção dos seus desejos, identidade sexual do homem e da mulher.

A temática de gênero instiga a uma compreensão de como o sujeito reage a seus impulsos, em consonância a um dito conhecimento do seu novo corpo. Conflitos em diversas fases da vida podem ocorrer, o Édipo é novamente experienciado na fase adulta através do sofrimento neurótico, fobia, histeria e a

obsessão. Sendo um inquirido onde o sujeito em suas experiências, reconhece limites, leis e medos que mudam o direcionamento dos pais para outros objetos sexuais. Segundo Poli, 2007:

O desejo é, pois, relativo à representação de uma perda, isto é — como vimos acima —, relativo ao desejo do Outro. A inscrição psíquica provoca esse efeito de como se o objeto de satisfação tivesse estado lá, mas quando vamos procurá-lo já estamos atrasados. Daí a famosa frase de Freud, escrita nos “Três ensaios”: “O encontro do objeto não é mais do que um retorno ao passado.” (POLI, 2007 p.14)

Então, pautar-se exclusivamente a anatomia enquanto responsável pela identidade sexual nos impossibilita desses outras identificações e registros singulares, Anatomia é a soma, não o resultado. Então a tentativa de justificar e construir um consenso entre a masculinidade e feminilidade é ínfimo, uma vez que o sujeito é composto por várias representações, sentidos e registros singulares, a pulsão inclui a representação do corpo, sua inscrição psíquica (POLI, 2007 p.14).

Portanto, o Édipo é o conceito dentro da Psicanálise que norteia a compreensão do sujeito na infância ou em qualquer outra fase de sua vida. Usa a fantasia, a identificação, o desejo e a utilização do outro como referência. Poli em seu livro “Feminino/Masculino: A diferença sexual em psicanálise” acrescenta que “as questões sexuais estão na ordem do dia, mas nos sussurros e nas entrelinhas, no inconfesso de todo discurso” (POLI, 2007, p.12)

#### 4.2 Angústia, castração e diferença sexual.

Um dos recursos utilizado por Freud para estruturar a questão da diferença sexual advém do recurso da anatomia, a presença ou ausência do pênis, e todas outras implicações do “corpo”, Freud propõe a anatomia genital como o fundamento natural sobre o qual se apoia a sexualidade infantil e seus destinos pulsionais, seria o marco referencial para a assunção de uma posição subjetiva nas várias instâncias da vida. Para Laplanche e Pontalis:

“Complexo centrado na fantasia de castração, que proporciona uma resposta ao enigma que a diferença anatômica dos sexos (presença ou

ausência de pênis) coloca para a criança (...) A estrutura e os efeitos do complexo de castração são diferentes no menino e na menina. O menino teme a castração como realização de uma ameaça paterna em resposta às suas atividades sexuais, surgindo daí uma intensa angústia de castração. Na menina, a ausência do pênis é sentida como um dano sofrido que ela procura negar, compensar ou reparar. O complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo e, mais especialmente, com a função interditoria e normativa". (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p.73).

Freud denomina de complexo de castração a percepção da diferença sexual, desencadeando uma "angústia de castração". Segundo Nasio (1999):

"O garotinho entra no Édipo e começa a manipular seu pênis, entregando-se ao mesmo tempo a fantasias ligadas a sua mãe. Depois, sob efeito combinado da ameaça de castração proferida pelo pai e da angústia provocada pela percepção do corpo feminino, privado de falo, o menino acaba renunciando o objeto mãe. O afeto em torno do qual o Édipo masculino se organiza, culmina e chega ao desenlace é a angústia; a chamada angustia de castração, isto é, o medo de ser privado daquela parte do corpo que, nessa idade, o menino tem por objeto mais estimável: seu pênis/falo". (NASIO, 1999, p. 64)

A vivência da angústia para o sujeito, experienciando o trauma representa uma separação do desejo frente ao ego e suas representações do inconsciente, "não havendo realização do desejo, separando e dividindo o sujeito com o que o constitui- seu desejo - e o que sobra desta divisão, persiste como desprazer, a angústia" (CAROPESO, 2013, p. 59-72).

A teoria das organizações sexuais infantis conduz a três momentos: o autoerotismo, o narcisismo e relação de objeto, sendo etapas de constituição do sujeito como eu diante de reconhecer sua diferenciação com o mundo. No autoerotismo os objetos servem para a satisfação, havendo a fragmentação do corpo (COUTO; CHAVES, 2009, P. 59-72).

O complexo de castração demonstra que as intenções da criança em relação a seus genitores são refreadas na medida em que se impõe um entrave a eles. A formulação de Freud estabelece então que a mãe possibilita a libidinização da criança e o pai opera a castração e a interdição dos primeiros objetos de desejo. (MARCOS; SALES, 2017, p. 575-590).

O Édipo e a castração são o marco do corte que sofreu o sujeito na sua relação com a sexualidade, e com sua primeira insatisfação autoerótica. Na tentativa de recalcar o desejo edípico, acontece o recalçamento da fantasia fundamental, gerando fantasias a partir de um registo do sujeito, sendo assim este primeiro processo orientador as diversas vivências do sujeito, sendo retomada em diversos momentos pelo sujeito, uma vez que este processo se torna ferramentas identificatórias, subjetivas e singulares. “Cada derivado, portanto do recalçado pode ter um destino diferente” (SILVA, 2007, p.90).

Através dessa relação com o outro, como via de satisfação, ou identificação, algo lhe escapa sendo considerado por ele hostil ou estranho, se fazendo então presente a ambiguidade infantil nas relações afetivas, sendo portanto insatisfatória, pois busca-se no outro a satisfação, sem possível harmonia então nos relacionamentos (SILVA, 2007).

E estes processos identificatórios produzem possíveis saídas, por mais que não seja plenas e reais, mas ajuda o sujeito se relacionar (busca, manutenção e sustentação sintomática) com seus objetos como forma de suportar a angústia. Como forma de suporte, Freud introduz a ideia de que:

“a psicanálise recentemente ligou importância a duas experiências por que todas as crianças passam e que, segundo se presume, as preparam para a perda de partes altamente valorizadas do corpo. Essas experiências são a retirada do seio materno - a princípio de modo intermitente e mais tarde definitivamente - e a exigência cotidiana que lhes é feita para soltarem os conteúdos do intestino. Não existe, porém, prova que demonstre que, ao efetuar-se a ameaça de castração, essas experiências tenham qualquer efeito. Somente quando uma nova experiência lhe surge no caminho, a criança começa a avaliar a possibilidade de ser castrada, fazendo-o apenas de modo hesitante e de má vontade, não sem fazer esforços para depreciar a significação de algo que ela própria observou. A observação que finalmente rompe sua descrença é a visão dos órgãos genitais femininos” (FREUD, 1924/1976 p.59)

Em 1914, sobre o narcisismo, a ameaça de castração como insuportável ao psiquismo é indicada por ele, tentando o sujeito se defender através da organização do ego, do abandono do narcisismo e o investimento nos objetos. Já em 1925, esse intolerável é nomeado por ele como angústia de castração, como resultado do desamparo do homem no mundo (SILVA, 2007, P. 555-589).

Então o lugar que o sujeito ocupa diz de uma posição vivenciada no Édipo e na saída do mesmo, e o sujeito age segundo uma intencionalidade, seja inconsciente ou não, em forma de suprir esta experiência de angústia e desamparo. Reafirmo que este processo é singular e subjetivo, em psicanálise não asseguramos os mecanismos que podem afetar ou não o sujeito, mas este sujeito que pode dizer ou representar, "se o ego, na realidade, não conseguiu muito mais que uma repressão do complexo, este persiste em estado inconsciente no id e manifestará mais tarde " (FREUD, 1924/1976, p.222)

#### 4.3 Identificação e narcisismo.

Os "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", publicados em 1905 (Freud, 1905/1969), foi um divisor de águas para a compreensão da sexualidade, as pulsões e a infância. O Conceito de Narcisismo, formulado posteriormente 1914, em Freud vem sempre engatado com a teoria sobre os corpos. O Narcisismo na teoria freudiana é muito diferente da ideia que circula no senso comum.

O corpo, principalmente sua superfície, é um lugar do qual podem partir percepções internas e externas simultaneamente. É visto como um outro objeto, mas ao ser tocado produz dois tipos de sensações, um dos quais pode equivaler a uma percepção interna. Já se discutiu bastante, na Psicofisiologia, de que maneira o corpo sobressai no mundo da percepção. Também a dor parece ter nisso um papel, e o modo como adquirimos um novo conhecimento de nossos órgãos, nas doenças dolorosas, é talvez um modelo para a forma como chegamos à ideia de nosso corpo. (FREUD, 1923/1976, p.31-32).

Encarar a temática de gênero dentro da teoria freudiana é uma possibilidade de realizar uma análise crítica, original e contemporânea, que é a demanda deste estudo, que pretende ser o oposto da criação e rotulação de novas identidades de gênero. Criar rótulos e identidades enviesada a compreensão do sujeito, uma vez que o desejo é forjado por uma suposta necessidade e satisfação. Os termos utilizados por Freud são substancialmente consistentes e instigam pensar a sexualidade humana, as vivências sexuais e representações questionando um parâmetro da normalidade, uma vez que a bissexualidade psíquica seria a regra e que a sexualidade seria perversa polimorfa (FREUD, 1905\1996). Ainda hoje, infelizmente,

não conseguimos superar esse conflito do normal ou anormal no que diz respeito à orientação sexual e identidade de gênero.

A orientação sexual e a identidade de gênero podem ser compreendidas em Freud como pontos que dialogam, mas não se determinam. No primeiro conceito exposto nos Três Ensaio, Freud apresenta um modelo básico do aparelho psíquico, considerando a sexualidade a partir da adoção da hipótese do inconsciente, que induz pensar a “necessidade” sexual, como um direcionamento da energia psíquica humana. A orientação sexual pode ser reconhecida como a pessoa e objeto sexual que se tornam os provedores de atração sexual, exemplificando uma mulher heterossexual tem como objeto sexual um homem. No alvo sexual é a ação para a qual a pulsão impele, exemplo é um ato sexual.

É apresentado na sua obra o conceito de inversão que atualmente é reconhecido como homossexualidade. Ironicamente Freud supõe diversos aspectos que podem justificar o comportamento dos invertidos, mas chama a atenção do leitor que apesar de existir possíveis “causalidades” existem casos que a inversão se põe por si só.

Na concepção da inversão são apresentados dois elementos possíveis para sua compreensão, primeiro a inversão a partir de um caráter inato, nasce gay e outra degeneração que teria um caráter de causalidade após uma origem traumática ou infecciosa. Na explicação da inversão Freud apresenta uma dualidade explicativa para a inversão, chamando a atenção para múltiplas influencias:

Nem a hipótese de que a inversão é inata, nem tampouco a conjectura alternativa de que é adquirida explicam sua natureza. No primeiro caso, é preciso dizer o que há nela de inato, para que não se concorde com a explicação rudimentar de que a pessoa traz consigo, em caráter inato, o vínculo da pulsão sexual com determinado objeto sexual. No outro caso, cabe perguntar se as múltiplas influências acidentais bastariam para explicar a aquisição da inversão, sem necessidade de que algo no indivíduo fosse ao encontro delas. A negação deste último fator, segundo nossas colocações anteriores, é inadmissível. (FREUD, 1905/1996, p.133).

Freud faz um percurso nas características biológicas para induzir os primeiros pensamentos sobre a bissexualidade, apresenta uma possibilidade de existir uma disposição bissexual na inversão e também registros psíquicos que afetam a pulsão sexual. O fenômeno do recalque e formação dos substitutivos, recalque e sintoma,

foi tratado com muita descrença inicialmente pela academia, por tratar de informações da importante e incisiva etiologia sexual.

O modo de proceder dos doentes em nada facilita o reconhecimento da justeza da tese a que estamos aludindo. Em vez de nos fornecerem prontamente informações sobre a sua vida sexual, procuram por todos os meios ocultá-la. Em matéria sexual os homens são em geral insinceros. Não expõem a sua sexualidade francamente; saem recobertos de espesso manto, tecido de mentiras, para se resguardarem, como se reinasse um temporal terrível no mundo da sexualidade. E não deixam de ter razão; o sol e o ar em nosso mundo civilizado não são realmente favoráveis à atividade sexual. Com efeito, nenhum de nós pode manifestar o seu erotismo francamente à turba. (FREUD, 1905/1996, p.52).

O trabalho do exame psicanalítico foi concretizado a partir das conexões entre sintomas e acontecimentos traumáticos comuns, que foge da compreensão de trauma do senso comum, o trauma como um registro ou marca subjetiva. Posteriormente, Freud apresenta que o trabalho necessário de uma análise é um panorama do sujeito, onde os dados individuais retrocedem a puberdade e a infância, desta forma são geradas impressões determinantes da doença ulterior, podendo assim afastar os sintomas.

Freud provoca uma compreensão do recalque como repressão aos desejos duradouros e reprimidos na infância, que provocam os sintomas. Já na infância é existente a sexualidade, podendo ocorrer neste período o reconhecimento dos desejos sexuais. O prazer sexual pode ser compreendido através de diversas manifestações e sensações que são agradáveis na infância e comuns.

#### 4.4 Bissexualidade e gênero.

Freud possibilita a compreensão da sexualidade humana através da diferenciação da sexualidade animal e sexualidade humana, ele propõe a desconstrução dos determinismos biológicos e/ou ambientais para definir a satisfação sexual humana, embora possa ser influenciada pela expressão biológica e pelas experiências subjetivas.

A bissexualidade psíquica é um substrato onde se processa o Édipo, a identificação e castração e os modos de satisfação das fases erógenas. A bissexualidade, diz Freud, "ofusca e embaralha nossa visão sobre a natureza das escolhas objetivas primárias" (1923). Ele introduz uma nova concepção que é uma sexualidade onde as escolhas sexuais são arbitrárias independentes do objeto que se dirige. A bissexualidade psíquica aponta que escolher não é natural é um ato que funda e é fundado pela subjetividade.

Em nota acrescentada em 1915 discutindo a bissexualidade psíquica, Freud não desconsidera o papel da biologia, mas afirma que os fatores que influenciam a escolha sexual são "em parte constitucionais e em parte acidentais" (Freud 1905/1996). Dizer que há algo de acidental no posicionamento do sujeito frente à diferença sexual aponta o caráter arbitrário em que toda subjetividade se funda. Não nos surpreende que tal afirmativa tenha causado fortes rechaços, uma vez que é oposta a qualquer determinismo. Coloca o sujeito numa posição de extrema responsabilidade visto que sua escolha não foi biológica ou ambientalmente determinada, não teve qualquer orientação que a garantisse e ocorreu através de processos inconscientes, mas, no entanto, ele não pode se furtar a ela.

No campo da sexualidade não há um a priori, mas apenas um sentido subjetivamente determinado. Um exemplo claro pode ser encontrado no par sadismo/masochismo, em que vemos que a dor nem sempre é negativamente considerada.

Ao tentar estabelecer as fases do desenvolvimento sexual, Freud está preocupado em descrever a tentativa de organização das pulsões parciais, tentativa sempre falha e parcial, mas constitutiva do humano. Os ensaios oscila entre a descrição da tentativa de organização das pulsões sexuais e a impossibilidade de organizá-las de todo. Freud é obrigado a se deparar com essa resistência radical que o psiquismo oferece ao imperativo da razão e que tem sua expressão na irreduzibilidade da sexualidade a toda tentativa de organização.

Ao postular insistentemente que ao homem não se aplica o adjetivo natural, por ser ele um ser marcado pela linguagem, a psicanálise não afirma que o homem se desviou do caminho natural ou que perdeu a sua orientação natural. Em relação ao natural, a linguagem é diferença, não desvio (GARCIA-ROZA, 1991/1995). É apenas a partir da linguagem que é possível supor o natural. Ou seja, o objeto natural, suposto perdido, na verdade nunca foi tido, visto que o homem já nasce

inserido na linguagem do Outro. Se usarmos o termo objeto perdido, é apenas em referência à fantasia de que um dia ele esteve presente. Pretendemos investigar nesse capítulo de essa ferramenta conceitual da bissexualidade pode ser usada para pensar o gênero.

#### 4.5 Psicanálise e Gênero

Nos meandros da literatura psicanalítica ocorreram teorizações importantíssimas que reformularam a concepção de sujeito e suas vivências, a questão da sexualidade como aspecto constitutivo e da diferença sexual foram inéditos, entretanto até nos dias atuais sofrem reformulações.

Arán, no artigo “A psicanálise e o dispositivo diferença sexual”, organiza algumas retomadas teóricas pós-freudianas, onde é mesclado outras possibilidades de amarrações teóricas, “no retorno a Freud realizado por Lacan que, procurando avançar em relação ao Complexo de Édipo/Castração freudiano, faz do Édipo estrutural – no qual a ênfase é colocada no significante fálico – a condição de passagem da natureza para a cultura e, conseqüentemente, da constituição do sujeito desejante e da diferença sexual” (ARÁN,2009, p. 653-673).

A questão da sexualidade, e da constituição edípica por vários momentos teóricos seguiu uma lógica que se pautava em pressupostos biologicistas, diferenciando posições entre o masculino e o feminino, mas que ao mesmo tempo fundamentou arquétipos atualmente defendidos, “embora implicadas em conceitos sobre o inconsciente e pulsão, “é uma formulação histórica e contingente” (ARÁN, 2009, p. 653-673).

Então, refletir sobre novas possibilidades de vivências de gênero é afrouxar lógicas binárias de identificação, falo versus castrados, masculino versus feminino, uma vez que o processo identificatório e passagem pelo édipo pulsa de experimentações singulares.

Repensar aspectos contemporâneos da sexualidade junto as interferências teóricas é alcançar coerências que valida os rompimentos já oferecidos pela psicanálise, “não é apenas uma necessidade ética e política, mas também uma tarefa teórica da maior importância” (ARÁN, 2009, p 653-673).

Os desafios trabalhados no artigo por Arán (2009) dizem respeito a uma nova ética de sexualidade na psicanálise, que conversa com as políticas de

visibilidade homossexual e seus direitos, também da sexualidade além da finalidade de reprodução, “dois argumentos têm sido frequentemente evocados”. O primeiro diz respeito à necessidade da preservação da instituição “família” – heterossexual e reprodutora – como célula base da sociedade, resistindo ao reconhecimento de outras formas de vida familiar, parentesco e modos de vida que emergem no tecido social. O segundo argumento estabelece a necessidade de preservar “o simbólico”, leia-se a “articulação da diferença sexual com a diferença de gerações”, como condição da cultura e da emergência da subjetividade, sem que se concebam outras possibilidades para processos de simbolização. Essas duas premissas utilizam a torto e a direito algumas referências da teoria psicanalítica (ARÁN, 2009, p 653-673).

Identificações cruzadas, identificações múltiplas ou mesmo a desidentificação fazem parte da diversidade de gênero. A partir dessa perspectiva poderíamos afirmar que, para a psicanálise, importa pensar como cada indivíduo, na sua singularidade, vive a diferença para além das definições prescritivas da heteronormatividade (ARÁN, 2009, p 653-673.).

## 5 CONSIDERAÇÕES GERAIS E TEÓRICA

Historicamente já vivenciamos o tempo da razão, já colocamos o homem como centro já retirou ele desse lugar, vivemos em uma era onde as opiniões são findadas como convenções culturais e até mesmo como constructos morais, enfim, a invasão do outro, no seu mandar e desmandar tem sido “útil” em nosso modo operandi civilizatório, através das (des)legitimidade dos comportamentos e sobre tudo na nossa subjetividade.

Todos esses ingredientes produzem um campo de tensão que fazem os sujeitos consciente ou inconscientemente produzirem seu olhar para o mundo nas posições normais ou patológicas, e eu acredito que o olhar deixou de ser apurado, mas o embrião situa-se no patologizante. Os sintomas, as diferenças tem ocupado um lugar de repulsa, e existe algum sujeito dentro da cultura sem sintomas que seja munido de igualdade?

Será a psicanálise o norte que nos dará o potencial pra tranver o modo de se fazer pesquisa, ou ainda nos ataremos atrás de Freud e deixaremos os sujeitos fora do meio acadêmico, fora do lugar de escuta e produção? “o olhar para outro sujeito, a escuta do outro sujeito, isto sim pode afrouxar os atos do patológico, fazer pesquisa em psicanálise (...) desvelar destas perguntas, muda o foco da produção massifica em novos protocolos de atendimentos, novas técnicas, mas deixo claro que o retorno deve ser engomada nas escutas (ARÁN, 2009, p 653-673.).

Esta pesquisa, no entanto percorreu algumas literaturas, mas evidencio que isto nunca será suficiente para fortalecer reflexões coerente a população LGBT, é necessário um passo de proximidade com eles e elas, que estão fora da academia, eles e elas que desconhece Freud, Lacan, eles e elas que vivências seus gêneros e não estudam sobre. As pesquisas precisam ser junto a esses sujeitos, pra trazer suas historicidades, suas representações, suas marcas, “neste sentido, há uma operação que se faz presente: o dizer está para além da linguagem, está do lado do falante” (ZILLOTTO, 2004, p. 215-223).

Pergunto aonde se quer chegar realizando pesquisas teóricas? Substituir uma lógica? "é a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo" (MINAYO, 1994, p. 9).

Neste sentido, pode-se pensar o quanto a superioridade da ciência, nos nossos dias, é reificada continuamente. E o quanto a impossibilidade do sujeito em seu trabalho, na estrutura capitalista, é reafirmada. Trata-se de uma lógica que descompromete o sujeito. Remete a instâncias macro, o que é construído nos discursos - cotidianos - dos sujeitos. (ZILLOTTO, 2004, p. 215-223)

Não é intencionalidade do pesquisador destituir o que é feito, mais ferir a lógica que não pode ser feita outras metodologias de pesquisas. a experiência psicanalítica admite diversas possibilidades de clínica, desde que nesta diversidade sejam reconhecidas as condições epistemológicas e éticas para a construção do espaço psicanalítico, isto é, uma experiência centrada na fala, na escuta e regulada pelo impacto da transferência. Esta diversidade clínica se justifica não apenas pelas diferentes formas de funcionamento psíquico que se apresentam para a escuta analítica, mas também pela diversidade de espaços em que a experiência psicanalítica é possível (BIRMAN,2003).

## 6 CONCLUSÕES

Pesquisar e produzir tem como proposição, oxigenar de forma modesta o imaginário e as escritas sobre identidades e individualidades, o que se ambicionou com este estudo foi borrar paradigmas que são contraditório às vivências singulares. Faz-se necessário, mais produções que amparem os universos inacabados, as vivências conflituosas, a insatisfação indenitária com (im)possibilidades. É nítida a expansão de publicações na temática de gênero e psicanálise, mas também se torna evidente que é pouco o número de publicações que condensam os estudos teóricos com pesquisas de campo, a ampliação poderia enriquecer as narrativas contemporâneas no campo psicanalítico.

Apesar desta pesquisa não ser em psicanálise, mas sobre psicanálise, tende-se que os resultados e as discussões impliquem em novas problemáticas e reflexões, colocando as individualidades em uma posição de respeito e ética, “uma comunicação científica é, dentro de suas possibilidades contextuais, trazer para a meditação partilhada, numa comunidade de linguagem, os ecos de um processo de pensamento, de um trabalho. Supõe-se que ele possa estar em contínua e frutífera interação com seus pares” (PETRY, 1993, p.2).

A psicanálise utiliza dos artifícios em suas pesquisas os estudos de casos clínicos que tem “a função didática do caso: transmitir a psicanálise por intermédio da imagem, ou mais exatamente, por intermédio da disposição em imagens de uma situação clínica que favorece a empatia do leitor e o introduz sutilmente no universo abstrato dos conceitos” (NÁSIO, 2001, p.12)

Como resultado da análise deste projeto podemos considerar que nenhum artigo utilizou apenas a teoria freudiana como resposta conceitual a temática única para discutir as noções de gênero. Também, entre os artigos analisados, nenhum foi pesquisa de campo, sendo assim, os aspectos individuais tem sido compreendido apenas pelo prisma teórico. Os dois estudos de caso retratam a importância de aproximar os diálogos sociais e contemporâneos nas pesquisas psicanalíticas, acredito que realizar pesquisas de campo atualmente em determinadas áreas, como por exemplo, psicanálise e gênero, possibilitaria a ampliação dos discursos acadêmicos e teóricos “a construção deve conjugar não somente alguns pontos da experiência, mas algo que permita incluir, na elaboração do caso, uma espécie de

ponto fixo, que estaria no campo do vivido subjetivo do paciente” (FREUD, 1937/1974, p. 291).

No entanto, a importância e a necessidade de se estabelecer um contexto de permanente discussão acerca da problemática de gênero e psicanálise se tornam fundamentais, porque novos conhecimentos não serão inaugurais tão pouco cessará o emaranhado de reflexões acerca da temática proposta. Cada um sabe por experiência própria que existem partes de nós que se movem, levantam-se e abaixam-se sem pedir permissão. Estas paixões, que não nos tocam senão através da casca, não se podem dizer nossas. “Para torná-las nossas, é preciso que o homem nelas tenha se empenhado completamente; e as dores que os pés e as mãos sentem enquanto dormimos, estas não nos pertencem” (AGAMBEN, 2005, pp.49-50).

A realização de estudos sobre psicanálise próximo à outras temáticas possibilita o mergulho intensional nas vivências do sujeito. Através da psicanálise é possível gerar uma relação produtiva de se repensar as práticas, inclusive a própria literatura frente a contemporaneidade e as demandas atuais.

Durante o estudo é evidente que alguns avanços foram feitos, inclusive uma sistematização de quais teoria abarcam a temática de gênero, também os pontos de tensões entre a psicanálise freudiana e outros autores ao publicar sobre psicanálise.

Entretanto, ainda ficam dúvidas e outros desejos, inclusive de como ouvir, aproximar e produzir estudos, onde o outro, que não pertence a uma matriz heretorormativa possa afetar e gerar reflexões na literatura psicanalítica.

Acredito que não é propulsor nem conexo fazer igual Freud, dizer igual ele e pensar como ele pensava, mas que a partir da literatura psicanalítica, suas afrontas paradigmáticas e principalmente sua ética, novas pesquisas furem a lógica de nós dizendo sobre eles e elas.

Como profissionais da psicologia, e talvez em psicanálise, sempre iremos nos deparar as novas demandas sobre o corpo, desejo, fantasias, através de estudos e pesquisas, acredito que manteremos a ética em primeiro lugar ocupando espaços e produzindo reflexões em que o nosso tempo nos coloca.

Este estudo ambiciona que novos aprofundamentos sejam feitos, com investigações mais profundas, furando as limitações de revisões de literatura em apenas no português e quem sabe gerar pesquisas de campo em psicanálise e gênero.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. (2005) *Infância e história: Destruição da experiência e origem da história*. BeloHorizonte: Ed. UFMG

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre : ARTMED, 2002, 4a. ed.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Quinta Edição (DSM-V)*. Arlington, VA: American Psychiatric Association.

ANTUNES, Maria Cristina da Cunha. A anatomia é o destino: a psicanálise e o sintoma transexual. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. Rio de Janeiro, 11(22), 42-67, mai. a out. 2016.

ARÁN, M.; Zaidhaft, S.; Murta, D. (2006) "Transexualidade e saúde: análise de uma experiência clínica institucional". *Ágora (Rio de Janeiro)* v. IX n. 1 jan./jun. 2006 49-63

ARAN, Márcia and PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cad. Pagu [online]*. 2007, n.28, pp.129-147. ISSN 0104-8333. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100007>

ARAN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. *Rev. Estud. Fem. [online]*. 2009, vol.17, n.3, pp.653-673. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2009000300002>

AYOUCH, Thamy. Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler. *J. psicanal. [online]*. 2015, vol.48, n.88, pp. 329-332. ISSN 0103-5835.

BARRETO, Ocilene Fernandes e CECCARELLI, Paulo Roberto. Entre o Eu e o corpo... um estranho: reflexões sobre as transexualidades. *Reverso [online]*. 2015, vol.37, n.69, pp. 113-119. ISSN 0102-7395.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOLSSON, Juliana Zinelli e BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. As manifestações de angústia e o sintoma na infância: considerações psicanalíticas. *Rev. Mal-Estar Subj. [online]*. 2011, vol.11, n.2, pp. 555-589. ISSN 1518-6148.

CAROPRESO, Fátima; SIMANKE, Richard Theisen. Repressão e inconsciente no desenvolvimento da metapsicologia freudiana. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 201-216, Dec. 2013. 24 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982013000200002>.

CERRUTI, Marta Quaglia e ROSA, Miriam Debieux. Em busca de novas abordagens para a violência de gênero: a desconstrução da vítima. *Rev. Mal-Estar Subj.* [online]. 2008, vol.8, n.4, pp. 1047-1076. ISSN 2175-3644.

COELHO, Tania. Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexualização à invenção do parceiro-sinthoma. *Ágora (Rio J.)* [online]. 2009, vol.12, n.1, pp.9-26. ISSN 1516-1498. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982009000100001>.

COUTO, Luiza Vieira; CHAVES, Wilson Camilo. O trauma sexual e a angústia de castração: percurso freudiano à luz das contribuições de Lacan. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 59-72, 2009.

COSTA, Ana e BONFIM, Flavia. Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a. *Ágora (Rio J.)* [online]. 2014, vol.17, n.2, pp.229-245. ISSN 1516-1498. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982014000200005>.

COSTA, Ana e POLI, Maria Cristina. Sexualização na adolescência: um ato performativo. *Rev. psicol. polít.* [online]. 2010, vol.10, n.19, pp. 141-150. ISSN 1519-549X.

COSTA, Teresinha. (2010). *Psicanálise Passo-a-passo*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.2010.

COSSI, Rafael Kalaf and DUNKER, Christian Ingo Lenz. A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2017, vol.33, e3344. Epub June 22, 2017. ISSN 0102-3772. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3344>.

DACORSO, Stetina Trani de Meneses. Enfim juntos!: Conjugalidade homoafetiva. *Estud. psicanal.* [online]. 2016, n.46, pp. 165-173. ISSN 0100-3437.

DAVID-MÉNARD, Monique. Bissexualidade: deve-se dizer bissexualidade ou contingência na sexualização?. Traduzido por Leda Beirão. *Reverso* [online]. 2014, vol.36, n.67, pp. 61-69. ISSN 0102-7395.

DAVID-MÉNARD, M. (2014) A transposição da vida sexual nos tratamentos psicanalíticos. O modelo da histeria morreu? *Estud. psicanal.* no.42 Belo Horizonte dez. 2014

DELEUZE, G. (2002). Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia (Vol. 4). São Paulo: Editora 34.

DUNKER, C. I. L. - Clínica, Linguagem e Subjetividade. Distúrbios da Comunicação. v.12, p.39 - 61, 2001.

FILHO, Homero Vettorazzo. O respeito à alteridade e sua importância na constituição do ideal-do-eu: uma reflexão clínica a partir de formas de vinculação na transferência. Rev. bras. psicanál [online]. 2010, vol.44, n.3, pp. 105-116. ISSN 0486-641X.

FREUD, S. (1937/1974). Construção em análise. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 23, p. 291). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1914/1990). Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1908/1976) A moral sexual 'civilizada' e doença moderna. Obras completas, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1908/1976.

FREUD, S. (1923/1976) O EGO E O ID. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro. Imago, 1976. v. XIX.

FREUD, S. (1924/1976) A dissolução do complexo de Édipo. Edição Standard brasileira das obras completas, vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1905/1969). Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade. In: FREUD, S. Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1969.

FREUD, S. (1931/1972). Sexualidade feminina. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro. Imago, 1972. v. XXI.

FURTADO, Maria Sílvia Antunes. Os Caminhos da Feminilidade em Preciosidade, de Clarice Lispector. Rev. Mal-Estar Subj. [online]. 2009, vol.9, n.3, pp. 983-1004. ISSN 1518-6148.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin. (2012) “A CONCEPÇÃO FREUDIANA DA SEXUALIDADE INFANTIL E AS IMPLICAÇÕES DA CULTURA E EDUCAÇÃO” – Revista Educativa-Goiania, v. 15, n. 1, p. 53-66, jan./jun. 2012.

GUIRADO, Marlene. Clínica e transferência na sombra do discurso: uma analítica da subjetividade. *Psicol. USP* [online]. 2015, vol.26, n.1, pp.108-117. ISSN 0103-6564. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140022>.

GRANATO, Tania Mara Marques; CORBETT, Elisa and AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. Narrativa interativa e psicanálise. *Psicol. estud.* [online]. 2011, vol.16, n.1, pp.149-155. ISSN 1413-7372. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722011000100018>.

HAUDENSCHILD, Teresa Rocha Leite. Escuta analítica da bissexualidade psíquica. *Rev. Bras. Psicanálise* [online]. 2008, vol.42, n.4, pp. 75-84. ISSN 0486-641X.

JANNINY e AMADEU DE. O voyeurismo no cinema: uma análise de janela indiscreta. *J. psicanal.* [online]. 2016, vol.49, n.91, pp. 227-239. ISSN 0103-5835.

KUSS, Ana Suy Sesarino. Feminilidade, amor e devastação: alguns pontos de encontro entre Freud e Lacan *Psicol. argum;* 34(86): 243-255, jul.-set. 2016.

Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos.* (p.696). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicadom 1958c).

LAGO, Mara Coelho de Souza. A Psicanálise nas Ondas dos Feminismos. *Repositório Institucional UFSC*, 2012.

Laplanche, J. (1997). Freud e a sexualidade: o desvio biologizante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.(Original publicado em 1993, p.14-15).

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1992). *Vocabulário da psicanálise* (P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

LESCOVAR, Gabriel Zaia and SAFRA, Gilberto. Sándor Ferenczi (1873-1933): o início de um pensamento. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2005, vol.10, n.1, pp.113-119. ISSN 1678-4669. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2005000100013>.

LO BIANCO, Anna Carolina e NICACIO, Erimaldo. O adolescente e o encontro com os impasses do sexual. *Cad. psicanal.* [online]. 2015, vol.37, n.33, pp. 71-84. ISSN 1413-6295.

MARCOS, Cristina Moreira e SALES, Eduardo Augusto de Souza. Os nomes do pai e a generalização da castração. *Ágora* (Rio J.) [online]. 2017, vol.20, n.2, pp.575-590. ISSN 1809-4414. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142017002013>.

MARUCCO, Norberto C. A clínica contemporânea e suas raízes metapsicológicas freudianas. *J. psicanal.* [online]. 2012, vol.45, n.83, pp. 71-84. ISSN 0103-5835.

McDOUGALL, Joyce. *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MELO, Rodrigo Zanon de. Em busca do tempo sensível: os ruídos paradoxais da sexualidade na ampliação da escuta da identidade de gênero. *Estud. psicanal.* [online]. 2017, n.47, pp. 111-128. ISSN 0100-3437.

MELO, Rodrigo Zanon. Quando o Édipo não é o destino: pensando o fenômeno transexual como possibilidade identificatória e de existência psíquica. *Estud. psicanal.* no.45 Belo Horizonte jul. 2016

MENDES, Roberta de Oliveira. Buck Angel, transexualidade e gênero: algumas considerações psiqueeranalíticas sobre os sexos de Angel. *Estud. psicanal.* [online]. 2017, n.47, pp. 91-110. ISSN 0100-3437.

MIMAYO MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª ed. São Paulo (SP): Hucitec; 1994. p.9-18.

NASIO, J.-D. (2001). *O que é um caso? Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro e FERES-CARNEIRO, Terezinha. Masculino e feminino na família contemporânea. *Estud. pesqui. psicol.* [online]. 2004, vol.4, n.1, pp. 0-0. ISSN 1808-4281.

NERI, Regina. *A psicanálise e o feminino: um horizonte damodernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NOBRE, Thalita Lacerda. Algumas considerações sobre “A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” (1920). *Psic. Rev.* São Paulo, volume 21, n.1, 99-112, 2012.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História* [online]. 2005, vol.24, n.1, pp.77-98. ISSN 1980-4369. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>.

PENA, Felipe. O Jornalismo Literário nas imagens de Freud e Lacan: por uma teoria psicanalítica do Jornalismo. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* São Paulo, v.32, n.2, p. 185-198, jul./dez. 2009.

PETRY, L. C. Metalíngua: a questão da metalinguagem e seu sentido na psicanálise. Texto da comunicação realizada como intervenção na conferência de J. L. CAON, *Psicopatologia do conceito e psicopatologia do sintoma*, na Unisinos, em 5 de novembro de 1993, inédito- SciELO Brasil - [www.scielo.br](http://www.scielo.br) Acesso em: mai. 2018.

POLI, Maria Cristina. A Medusa e o gozo: uma leitura da diferença sexual em psicanálise. *Ágora (Rio J.)* [online]. 2008, vol.10, n.2, pp.279-294. ISSN 1516-1498. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982007000200009>.

PORCHAT, Patrícia. *Psicanálise, gênero e singularidade*. *Revista faac, Bauru*, v. 2, n. 2, p. 195-202, out. 2012/mar. 2013.

RATTI, Fabiana C. e ESTEVAO, Ivan Ramos. Violência, acidente e trauma: a clínica psicanalítica frente ao real da urgência e da emergência. *Ágora (Rio J.)* [online]. 2016, vol.19, n.3, pp.605-636. ISSN 1809-4414. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982016003012>.

RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e enactment: O analista implicado. *Cad. psicanal.* [online]. 2016, vol.38, n.35, pp. 11-28. ISSN 1413-6295.

RIBEIRO, Paulo de Carvalho. Gênero e identificação feminina primária. *Psicologia em Revista, Belo Horizonte*, v. 11, n. 18, p. 238-256, dez. 2008.

RIBEIRO, Paulo de Carvalho. Masculinidade e ciúme na perspectiva da teoria da sedução generalizada. *Psicol. estud.* [online]. 2012, vol.17, n.3, pp.445-452. ISSN 1413-7372. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000300010>.

RINALDI, Doris. O traço como marca do sujeito. *Estud. psicanal.* [online]. 2008, n.31, pp. 60-64. ISSN 0100-3437.

RODRIGUEZ, Brunella Carla; GOMES, Isabel Cristina e OLIVEIRA, Danielly Passos de. Família e nomeação na contemporaneidade: uma reflexão psicanalítica. *Est. Inter. Psicol.* [online]. 2017, vol.8, n.1, pp. 135-150. ISSN 2236-6407.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel (1998). *Dicionário de psicanálise*. tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães, supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUBIN, Gayle. (1993) O tráfico de mulheres. Notas sobre a 'Economia Política' do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo.

SAFATLE, Vladimir. Permanecer histórica: Sexualidade e contingência a partir do caso Dora. *Ágora* (Rio J.) vol.19 no.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2016 <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982016003003>

SAMPAIO, Ronaldo Sousa and Garcia, Claudia Amorim. Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 81-102, abr. 2010

SANCHES, Simone Bianchi. Busca por representação: a psicanálise e o trabalho de construção. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 26, n.1, p. 165-179, 2014.

SARTORI, João Eduardo Torrecillas and MANTOVANI, Alexandre. Psicanálise, Sexualidade e Gênero: a abertura à relativização cultural e o diálogo com a etnopsicanálise. *Sau. & Transf. Soc.*, ISSN 2178-7085, Florianópolis, v.7, n.3, p.166-175, 2016.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SILVA, André Luiz Picolli da and VIANA, Terezinha de Camargo. A DEFICIÊNCIA SIMBÓLICA NA SUBJETIVIDADE PÓS-MODERNA: BASES PARA UMA SOCIEDADE NARCÍSIKA. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.45, p.<9-29>, jul./dez. 2015.

SILVA, Magali Milene. Louco é quem me diz: a psicanálise e a subversão do conceito de doença mental. 2007. Dissertação. (Pós-graduação em Psicologia. Área de concentração: Estudos Psicanalíticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p.90, 2007.

SILVA, Marcella Monteiro de Souza e. Ambiguidade e bissexualidade: desdobramentos da recusa no campo transferencial e do pensamento. *J. psicanal.* [online]. 2011, vol.44, n.81, pp. 175-186. ISSN 0103-5835.

SILVA, Maria Emília Lino da (Coord.). 1993. *Investigação e psicanálise*. Ed. Papyrus. Campinas, SP.

SILVEIRA, Débora Maria Gomes e VOCARO, Ângela Maria Resende. DA VERNEINUNG AO TRAÇO UNÁRIO. *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XIX n. 3 set/dez 2016 499-514

SOUSA, Diogo and CAVALCANTI, Céu. ENTRE NORMAS E TUTELAS – PENSANDO (IM)POSSIBILIDADES DA PSICOLOGIA EM INTERFACE COM TRANSGENERIDADES. *Gênero na psicologia: saberes e práticas/ organizado por Alessa Denega; Darlane S. V. Andrade e Helena M. dos Santos*. PDF.– Salvador: CRP-03, 2016. ISBN: 978-85-65208-05-5

STOEGNER, Karin. “Para além do Princípio de Gênero”: Horkheimer e Adorno sobre o Problema de Gênero e Identificação”. *Cadernos de Filosofia Alemã*. 2017 | v. 22; n. 2 | pp.135-151 DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v22i2p135-151>

TORT, Michel. *Fin du dogme paternel*. Paris: Aubier, 2005.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. *Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. IX – No 2 – p. 487-525 – jun/2009*.

VIEIRA, Márcia Infante. O feminismo e seus destinos. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. Rio de Janeiro, 11(22), 78-85, mai. a out. 2016.

WITTER, Geraldina Porto. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental busca de informação. *Estudos de Psicologia, Campinas*, v. 7, n. 1, p. 5-30, jan./jul. 1990.

Winnicott, D. W. (1988/1990). *Natureza humana*. Trad. David Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago.

YOSHIDA, Luzia Aparecida Martins et al. Transexualismo: uma visão psicanalítica. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* [online]. 2011, vol.4, n.2, pp.92-112. ISSN 1415-4714. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-47142001002008>.

ZILLOTTO, Denise Macedo. A posição do sujeito na fala e seus efeitos: uma reflexão sobre os quatro discursos. *Instituto de Psicologia – USP. Psicologia USP*, 2004, 15(1/2), 215-223.